



VIDA E PAIXÃO DO MENINO-POETA BEM HUMORADO JOÃO UBALDO RIBEIRO, ÀS VEZES COMO SEU PERSONAGEM GERALDO/PANDONAR, CRUEL...

Cristina Maria Vasques¹

Acho que o escritor deve escrever para a alegria do leitor. (Borges).

Proporcionar alegria, divertir e tirar o leitor do interior mais profundo do nosso eu, arrancando-lhe, a cada página, gostosas gargalhadas – essa parece ser a vocação de *Vida e Paixão de Pandonar, o Cruel*, embora não se esgotem nisso as qualidades literárias desse livro. Escrito em 1983 pelo baiano-sergipano de caráter universal João Ubaldo Ribeiro – porque morou em diversos países aos quais se vincula até hoje –, eleito nesse mesmo ano membro da Academia Brasileira de Letras onde ocupa a Cadeira 34, consagrado no Brasil e no exterior como romancista, jornalista, cronista e tradutor –, “Pandonar” – como apelidamos a obra –, foi sua estreia em literatura infantil e juvenil e recebeu o prêmio de melhor obra para jovens da Fundação Nacional do Livro Infantil e juvenil no ano de seu lançamento. Traduzida para o alemão pelo próprio autor e publicada em Munique em 1994, nesse mesmo ano recebe o prêmio *Die blaue Brillenschlange* pelo melhor livro para crianças e jovens sobre minorias não-europeias.

Apesar de ser um autor reconhecido por sua excelência literária no Brasil e em vários países e ainda que suas obras sejam cada vez mais estudadas em universidades, não há muito publicado, em livros, sobre João Ubaldo. Menos ainda quando se trata de sua produção infantil e juvenil. Desta forma, recorreremos às críticas e entrevistas publicadas por diversos sites, pela internet. Não fosse isso, este trabalho seria inviável por falta de informações.

Vida e Paixão de Pandonar, O Cruel trata de um período da vida de Geraldo, garoto-escritor possuidor de uma fértil imaginação e de um poder de criação admirável, por meio dos quais dá origem ao “fictício e multitalentoso” Pandonar, um herói que “deixa o Super-Homem no chinelo” (OBJETIVA, 2010 – online). Por meio das mirabolantes aventuras em que Geraldo enreda seu personagem, exprime seus sonhos e extravasa seus desejos:

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr- UNESP.



Ele deu um chute da linha média que a bola furou a rede. Depois, Pandonar fez mais vinte e três gols e, inclusive, houve uma vez em que ele driblou todos os jogadores do outro time um por um e todos caíram no chão. [...] E, no fim do romance, o time do Vasco não era mais nem o time do Vasco, era o time do Brasil contra a Hungria (RIBEIRO, 1993, p. 30).

Geraldo é adolescente e passa por sua primeira paixão, aparentemente não correspondida, mas Pandonar, alter-ego criado por sua imaginação, não sofre as desventuras do amor incerto:

As meninas que jogavam vôlei, como Maria Helena, certamente apreciavam os talentos dos voleibolistas masculinos. Como Renatão, aliás, e Geraldo teve uma inveja imensa de Renatão e se achou mais infeliz ainda [...] Tantas vezes, nestes últimos dias, Pandonar tinha entrado na quadra e, numa saraivada deslumbrante de cortadas, eliminara todos os times adversários, inclusive a seleção americana. [...] com ar súplice nos olhos maravilhados, Maria Helena estendia a mão para ele. Eu quero você, dizia ela (RIBEIRO, 1993, p. 54-55).

A alta qualidade de sua literatura “filiou seu autor a uma vertente literária que sintetiza o melhor de Graciliano Ramos e o melhor de Guimarães Rosa.” (NOGUEIRA JR., 2009 - *online*). “João Ubaldo escreve na cadência de um rio que avança ou do vento nas folhas”, podendo, assim, também ser comparado a Robert Graves e James Joyce, mas “diferente de ambos [...] começa antes de começar. Ou depois. Pegando a história pelo meio, é como se ela já tivesse existido antes, mas não estivesse ali, no livro ainda não posto de pé.” (OLINTO, 1999 - *online*).

A história começa: “Se eu fosse invisível, pensou Geraldo, eu voava para a casa dela na hora do almoço e ia para qualquer lugar aonde ela fosse” (RIBEIRO, 1993, p. 11). Com quem Geraldo fala? Quem é “ela”? Por que ele quer acompanhá-la? Há, portanto, uma história anterior à narrada no livro, que não está ali, o que faz com que a narrativa comece “antes de começar”. A capacidade de fazer arte com palavras e a originalidade, que colocam Ribeiro no mesmo patamar de grandes artistas da literatura mundial, conferiu em 2008 ao



autor o "Prêmio Camões", o mais alto galardão da língua portuguesa (NOGUEIRA JR., 2009 - *online*). Antes disso, em 1984, *Vida e Paixão de Pandonar, o Cruel* já havia sido laureado como o melhor livro do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte – deixando assim entrever seu fôlego estético-literário, produto de um autor em que, desde suas primeiras obras, "se destacava o modo, direto e preciso, de erguer um personagem e criar um mundo [...] ali surgia o escritor brasileiro por excelência [que] inventou-se a si mesmo" (OLINTO, 1999 - *online*). Trata-se, portanto, de um autor que sabe juntar ideias e palavras, e que

em tudo insere [...] a visão humorística, que vê o que não aparece, identifica a nudez das gentes, entende os pensamentos ocultos [...] Para dar um tom forte, alto – e baixo também – ao seu humor, tinha João Ubaldo *de dominar não só a linguagem e a língua, o ritmo das palavras, mas também os sons* sem significado do aparente que, na linha da comicidade, muito significam.

[...] As duas realidades – a real, que envolve o caminho de cada brasileiro e a realidade não menos real, mas com outras investidas – mesclam-se na obra de João Ubaldo de tal maneira que ele acaba promovendo uma invenção [...] de cada um de nós (OLINTO, 1999, grifo nosso - *online*).

Enfim, estamos diante de um escritor que traz à luz criações inovadoras, possuidoras de múltiplas significações, e imprime, dessa forma, à sua obra, o caráter estético da literatura. Como resultado, "Pandonar" é interessante e bem humorada desde a sua capa, criada por Marcelo Barreto de Araújo e Ivan Baptista²: ela mostra Geraldo, trajado de Pandonar, "enquadrando-se" literalmente em uma moldura. Quando totalmente aberta, na capa de trás vemos o dorso do garoto. Isso nos sugere que Geraldo e Pandonar sejam o mesmo indivíduo, mas apenas em alguns aspectos: segundo o desenho, somente da cabeça à cintura, porção que vemos dentro dos limites da moldura, embora os quadris e pernas sejam exclusivamente de Geraldo. Além disso, a imagem também nos informa que o conteúdo deles está dentro do livro, uma vez que as capas só trazem a frente e as costas:

² Sobre Ivan Baptista e Marcelo Barreto, só encontramos informações a respeito de uma obra, *O saco*, que publicaram pela Nova Fronteira em 1984 e reeditaram em 2005, com texto (rimado) e ilustrações de ambos. (CORTEZ, 2011 - *online*)



Figura 01

(RIBEIRO, 1993, capas).

Cabe ainda enfatizar outro detalhe que julgamos significativo nas capas: elas próprias também são emolduradas, embora discretamente. Podemos ver apenas os detalhes do acabamento dessa segunda moldura, em um tom alaranjado, mais escuro do que o amarelo-ouro que tinge a capa de energia e mais claro do que a cor das letras do título. Essa segunda moldura, que enquadra Geraldo-Pandonar por inteiro, não constitui mero adorno. Afinal, a imagem fala, narra, tanto quanto as palavras combinadas artisticamente e, portanto, são indícios de descobertas que só podemos fazer por meio da leitura. As demais ilustrações, no interior do livro, são todas em traços simples, na mesma cor do texto, e ocupam espaços variados nas páginas. Algumas são centrais e outras colocam-se na porção inferior, tomando uma ou duas páginas. Todos os capítulos são marcados por um pequeno desenho colocado na parte inferior de uma moldura (o nome do capítulo insere-se na parte superior) que toma toda a página. A cada final de capítulo há uma figura pequena, como que lhe servindo de remate.

A leitura, por sua vez, provoca o riso desde o Sumário que, ao invés de ser escrito em português, contraria nossas expectativas constituindo-se numa mistura de línguas – português, inglês, espanhol e francês – que resulta numa outra, visualmente semelhante ao latim, devido aos finais das palavras em “is” e “us”, principalmente, fato que comprova



concretamente a observação de Antonio Olinto (citada acima) a propósito do domínio de Ribeiro também dos *sons* da língua e da linguagem:

- I. Is belis ands trystes amoris del Pandonar [...]
- II. Solarius, espaciarius ands campeonatis del Pandonar [...]
- III. Et lachrymas et incomprehensionis et grãs infelicitats del Pandonar [...]
- IV. Qualis Fênix, el Pandonar apagatorius surgit des cinz (RIBEIRO, 1993, p. 7).

Apesar de não existir e, portanto, ser absurda do ponto de vista da realidade, essa língua em que o sumário nos é apresentada é, ao contrário do que parece, um conjunto de frases e sons perfeitamente inteligíveis. Aliás, inventar línguas é atividade que Geraldo e seu personagem Pandonar apreciam muito, tanto quanto seu criador:

- [...] eu tenho um assunto muito importante para lhe falar.
- Eu não quero saber mais daquela língua que você inventou, eu acho muito chato esse negócio de língua nova, ainda mais que você toda hora fica mudando as regras e ninguém entende nada: parece que bastes faláris assins. E isso todo mundo entende e depois você complica, querendo botar ordem inversa, botar declinações. Veja bem, eu não suporto latim, veja bem!
- Roquetão, [...] sou seu amigo e não ia ficar insistindo para você aprender o Voldegrado, que, aliás, eu aperfeiçoei.
- Outra coisa que eu acho cretina é esse nome Voldegrado que você arranjou, parece nome de cidade russa. E só quem fala é você. Que graça tem uma língua que só quem fala é você?
- [...]
- Roquetão, pelo amor de Deus, não fique nervoso. Eu não quero falar com você sobre o Voldegrado. Eu...
- Você inventou outra?
- Não, eu não estou mais inventando línguas e alfabetos. Só estou me dedicando a códigos. [...] e então hoje eu tenho um código indecifrável. (RIBEIRO, 1993, p. 25-27).

A conversa de Geraldo e Roquetão, seu melhor amigo, flui de modo tão natural que, quando lemos, temos a impressão de que os estamos ouvindo: frases interrompidas, desvios de assuntos que quase fazem Geraldo se esquecer do motivo que o levou a falar com o amigo, tudo muito parecido com o que acontece conosco, quando conversamos informalmente. É assim que Ribeiro brinca com as palavras e constrói uma realidade ficcional na qual a realidade vivida se materializa nos sons e no ritmo impressos no papel, constituindo-se em documento que atesta sua profunda percepção e sensibilidade para a língua e os modos brasileiros.

Na história, Geraldo procura seu amigo para se aconselhar sobre coisas do coração, pois está apaixonado e não sabe como lidar com esse sentimento – e nem mesmo com a menina por quem se enamorou –, e acredita que Roquetão tenha mais experiência no



assunto do que ele. Mas até chegar à exposição de seu problema, a conversa percorre inúmeros caminhos e quase se perde. Depois de afirmar que tinha “um código indecifrável”, o protagonista continua:

- [...] Eu estudei Edgard Allan Poe, aquele que nós lemos, do escaravelho de ouro [e] escrevi um romance, dois cadernos cheios, sobre uma múmia e um escaravelho. Essa múmia era a múmia de Tihentanóps. O escaravelho se chamava Rafael Brunilomacowsky e era um escaravelho inglês, que tinha chegado com uma expedição e então o pirata Marmaduke Godforsaken...
 - [...] esse Marmaduke, quando chegava o fim do livro, Pandonar cortava a cabeça dele e mandava dar tudo aos cães e aos porcos. Eu me lembro disso. Você disse que não gostava de carne de porco.
 - Nem de carne de porco nem de Pandonar.
 - Mas você disse que queria ser Pandonar, se fosse pra ser com uma armadura [...].
 - Eu disse que queria andar de armadura, mas não disse que queria ser Pandonar. Mas eu queria uma armadura diferente, não era dessas armaduras da Idade Média. Você sabe que qualquer bala, talvez até ar comprimido, passava por ali?
 - Mas Pandonar é invulnerável. Geralmente.
 - Geraldo, Pandonar já foi até jogador de futebol!
 - Não, isso sou eu. [...]
 - Não, é Pandonar. Você me contou que Pandonar jogava no Vasco e, antes de entrar em campo, todo mundo zombava dele. Você até escreveu “recebia apupos” [...] Depois, Pandonar fez vinte e três gols [...] E você até pulos de dez metros dava e fazia um gol de cabeça.
 - Eu não, Pandonar.
 - Mas você disse que futebol era com você [...]
 - Mas era, mas era. O romance é sobre Pandonar. Mas eu não quero saber mais disso. [...]
 - [...] Eu preciso conversar com você de homem para homem, preciso pedir uma opinião.
 - Não me esqueço daquela vez que Pandonar foi ao Sol. Eu expliquei a você que não existe matéria capaz de permanecer sólida ou líquida na temperatura do Sol, mas você inventou uns capacetes de estroncionita e umas capas de rentz-HX3. [...]
 - Você deixa eu falar?
 - Sim, diga o que é rentz- HX3. Mas não venha com essa conversa de que é um elemento descoberto em outro planeta, não sei o quê. [...]
 - Mas eu não quero falar do rentz! E quem é você para criticar? Você quis fazer nitroglicerina em casa [...]
 - Sim, mas nitroglicerina é nitroglicerina, não é rentz-HX3. [...]
 - Roquetão, eu não quero falar do rentz! Você é maluco [...] fica falando os mesmos negócios o tempo todo...
 - Eu sou maluco! [...] Você é quem é maluco! Eu sou maluco por quê?
 - Você come trancado, escondido de todo mundo.
 - E você? Você só fica pensando em códigos [...] e em falar em Pandonar! [...] quem é Pandonar? Pandonar não existe? Então o maluco sou eu?
-

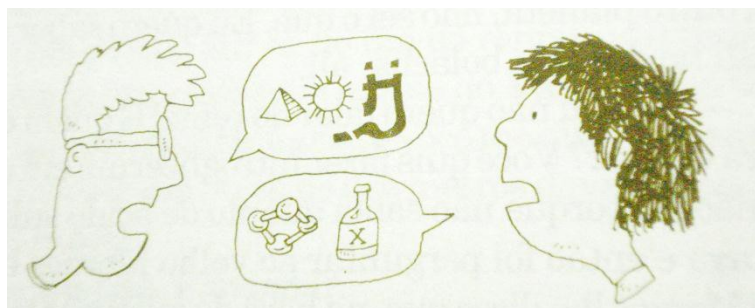


Figura 02

- [...] É porque você [...] fica falando o tempo todo em outras coisas.
- Você disse ou não disse que ia tirar o prêmio Nobel com 16 anos, [...]?
- Não fui eu, foi Pandonar. [...] E a fenolptelaolemina?
- Fenolptamelina.
- Pois é, você me disse que era uma coisa que causava uma doença de pele horrível [...] era tudo inventado.
- [...] Podia ser inventado. Não era essa maluquice de rentz-HX3 [...]
- E o inspetor Desquatrevingts?
- Melhor do que Pandonar. [...] Ele vive na Bélgica, durante a Primeira Guerra.
- Viu você que você é maluco? Ninguém vive na Primeira Guerra. Todo mundo já viveu na Primeira Guerra. [...]
- Eu não vou falar Voldegrado, não vou fazer código, [...] não vou fazer nada dessas coisas.
- Mas eu quero falar, você deixa que eu fale?
- Eu não sou maluco.
- Você conhece a Maria Helena? (RIBEIRO, 1993, p. 27-34).

A narrativa toma oito páginas de conversa – e brigas – entre os amigos, para chegar ao início assunto, ou seja, ao motivo pelo qual Geraldo procurou Roquetão: Maria Helena, a



colega de cabelos loiros e curtos que joga vôlei e estuda na mesma classe, e que revolucionou o mundo infantil de Geraldo, levando-o a percorrer os primeiros caminhos da adolescência. Porém, o assunto insiste em desviar-se:

- Eu queria falar com você porque você já namorou. Eu precisava dum as indicações.
- Eu nunca namorei.
- Você já namorou com a Márcia, você mesmo me disse, e você já vai fazer quinze anos e seu pai deixa você raspar o bigode.
- Eu raspo o bigode e aqui embaixo do queixo. Dia sim, dia não, senão cresce.
- Bem, barba eu não tenho, mas podia raspar o bigode, só que meu pai não deixa. Mas eu não quero falar no bigode! Eu quero que você diga - e não diga a ninguém que eu lhe perguntei, você promete que não diz a ninguém?
- Que não diz o quê?
- Isto que eu vou lhe perguntar.
- Ah, depende, eu não sei o que você vai me perguntar.
- Roquetão, pelo amor de Deus, não seja chato, eu estou precisando de ajuda.
- Estou sem dinheiro.
- Não, sério mesmo, sério mesmo. Eu estou me sentindo mal. Quer dizer, não é mal mesmo, mas é porque eu sei que Maria Helena quer namorar comigo e eu não sei como é que faço. Você namorou com Márcia, não foi? Como foi que você fez?
- Eu não fiz nada, eu não namorei com Márcia. Tudo isso foi ela quem inventou [...]
- Não, não brinque, você namorou. Eu me lembro que todo dia você ia tomar sorvete com ela.
- Ela pagava. Ela me chamava para tomar sorvete. Eu dizia: não tenho dinheiro. Ela dizia: eu pago. Aí eu ia. (RIBEIRO, 1983, p. 38-39)

A situação de Geraldo é trágica. O primeiro amor sempre vem acompanhado de inseguranças. Suas expectativas são frustradas, pois ele contava com a ajuda do amigo e Roquetão não compreende a sua urgência - ou não espera que ele, com quem usualmente discute os mais variados assuntos cotidianos, fosse perguntar das coisas do coração. Por fim, a frustração também vem da descoberta sobre o desconhecimento de Roquetão sobre o tema da paixão.

Como dissemos no início, há várias características que marcam "Pandonar" e lhe conferem o estatuto produto artístico. O humor e o apuro da linguagem certamente são duas delas. Porém, a intertextualidade também perpassa toda a obra, servindo de matéria prima para as aventuras de Pandonar, como a história de Poe, que inspirou Geraldo a escrever um romance com a extensão de dois cadernos, sobre a múmia de Tihentanóps e o escaravelho Rafael Brunilomacowsky.

As aulas de História, a mitologia e até a religião e as forças ocultas, também são fontes de material precioso para a imaginação de Geraldo e à quase invulnerabilidade de Pandonar:



Para ser invisível, bastava ter, por exemplo, um anel que se girasse no dedo e se comandasse: "Anel, anel, de Xerxes e Artaxerxes, anel dos poderosos deuses das montanhas, anel dos antepassados das montanhas Nibelungue, São Cipriano das Treze Mágicas, forças do Bem – a mim, a mim, Pandonar, espírito dos ares!" Pensou Geraldo, anotando a decisão de, em casa, procurar fazer uma boa frase cabalística para essas questões de invisibilidade. Toda vez então que rodasse o anel – quando conseguisse o anel, é claro –, poderia voar pelos ares, entrar pelas frestas de portas e janelas e exercer grande domínio sobre tudo.

O problema de ter de falar ou não as palavras mágicas sempre incomodava um pouco. [...] Mas estes e outros detalhes não deviam atrapalhar, inclusive porque a aula estava para acabar e Cícero [o professor], muito exaltado, não parava de gritar nomes de reis persas, como Xerxes e Artaxerxes. (RIBEIRO, 1993, p. 12-13).

A metatextualidade também integra as características intertextuais da obra, alcançando o fazer do personagem Geraldo, que também é autor, colocado no texto de Ribeiro, pelo personagem: Ribeiro, o autor de *Vida e Paixão de Pandonar, o Cruel*, cria, nessa obra, um personagem-narrador, Geraldo, que também é autor e inventa, para protagonizar suas histórias, o personagem Pandonar, que é, assim, personagem do personagem do autor da obra que estudamos. E é Geraldo, e não Ribeiro, quem fala do fazer do autor, no texto. Assim, temos o que podemos chamar, na (ainda) falta de um termo específico, de metatextualidade em segundo grau, ou de segundo nível metatextual ou metatextualidade duplicada. Qualquer que seja o nome que dermos, trata-se de um artifício bastante astucioso, que consiste em legar a um personagem o papel de autor que fala sobre o ato da escritura, permitindo que ele, pessoa de tinta sobre o papel, reflita sobre as possibilidades de criar aventuras para outra pessoa, de tinta-fictícia sobre papel-fictício. Fictício porque ficção na ficção, mas também porque não há um texto real sobre Pandonar e suas aventuras, como há o livro, objeto material, *Vida e Paixão de Pandonar, o Cruel*.

Geraldo declara secretamente – via bilheteinho debaixo do apagador – seu amor a Maria Helena, que o ridiculariza frente aos colegas:

– E quem mostrou os bilhetes a todo mundo?

– Maria Helena [...]

– Geraldo não podia acreditar no que ouvia. Então todo o colégio sabia que era ele o autor dos bilhetes? [...] Todo o universo pareceu a residência da Injustiça e da Incompreensão [...] Geraldo viu Pandonar, na sua tenda de combate, exalando o último suspiro entre seus guerreiros mongóis. [...]

Em meio a grande tumulto e gritos de "para trás! para trás!", a cortina que encobria a grande tenda se abre e, perseguida pelas sentinelas, Maria Helena, desesperada e em prantos, aproxima-se do moribundo. [...]

– Oh, como pude, como pude? – disse ela, com os olhos marejados de lágrimas e abraçando o pescoço de Pandonar. – [...] se mil mortes houvera, se mil suplícios caíssem do céu, ainda seriam poucos para redimir o meu crime!



- Não fale assim, mulher – disse Pandonar. – [...] Você sempre confundiu... aaaai... confundiu o verdadeiro amor com outras coisas. [...] você não tinha obrigação de me amar.

- Mas eu amo, eu amo você! [...]

- Não acredito – disse Pandonar e, com um último suspiro, virou a cabeça para o lado e morreu.

[...] Ela agora seria escrava do harém de Bo-Balune e, pelo resto dos seus dias, estaria sempre ameaçada de que Bo-Balune viesse, cuspiendo vinho pelos cantos da boca e cheirando a bodes e cavalos, e a arrastasse à sua tenda, para um destino pior do que a morte. (RIBEIRO, 1993, p. 61-66).

Ribeiro inspirou-se em sua infância para escrever “Pandonar” (OBJETIVA, 2010 – *online*). De certa forma, Pandonar é, então, a introspeção de seu autor, assim como Pandonar o é de Geraldo – conforme indicou a capa – e, possivelmente por estar passando por um período de inseguranças, incertezas e novas buscas – está deixando a infância, como já dissemos, e entrando na adolescência –, acaba por se confundir com a sua criação:

E foi assim que Pandonar, decidido a nunca mais levar mulher alguma a sério, acompanhou a irmã ao baile [...] porque, principalmente, o pai dizia que era obrigação [...] Na mesa que o pai havia comprado para ele, cheia daquelas meninas feias amigas da irmã, não se podia servir álcool. Pandonar, contudo, já tinha tomado, sem gelo, quatro doses de uísque.

Geraldo disse às moças, como se estivesse falando uma coisa muito natural, que *ia sair para tomar um drinque. Pandonar olhou o salão [...] Geraldo parou na frente do bar [...] porque não só não tinha coragem de beber, como não tinha dinheiro para pagar [...] Pandonar pensou em que mulher boba era a princesa Maria Helena. Geraldo olhou em volta e se sentiu desamparado. Pandonar fez um gesto de cabeça e uma das mulheres mais lindas da festa se levantou, para dançar com ele [...] Geraldo pensou [...] que não sabia dançar [...] Pandonar estendeu o braço [...] Geraldo olhou para a frente e viu Maria da Graça.*

A – Como vai? [...]

E já Geraldo ia ficar sem saber que cara fazer [...] *Pandonar enlaçou a cintura da moça e rodopiou pelo salão.* (RIBEIRO, 1993, p. 80-83, grifos nossos).

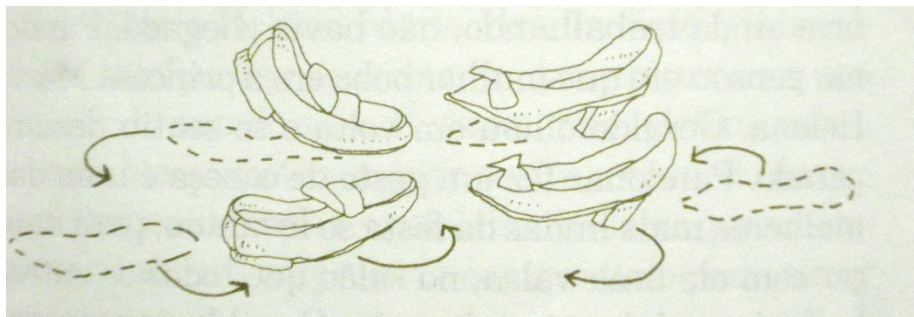


Figura 03 (RIBEIRO, 1993, p. 82).

A ilustração da dança de Geraldo e Maria da Graça é, no mínimo, curiosa, revelando, nas entrelinhas dos traços singelos combinados com o texto, mais do que uma dança: a concretização da adolescência de Geraldo e de seu par.



Ressaltamos, no trecho citado acima, as atitudes de Geraldo-Pandonar, enquanto as de Geraldo permaneceram sem grifo. O garoto se fez Pandonar para ter coragem, para ousar, assim como Ribeiro se fez Geraldo para nos contar um pouco de si. E é assim que a ficção é feita, sempre: com um pouco de quem a faz, transformado, esse "pouco", em possibilidades. Desse modo, Ribeiro não somente fez ficção, como também, pela ficção, se fez metáfora de si mesmo, contando uma história empolgante, mesclando em seu personagem as suas memórias e as ações e características inventadas, imaginadas, do personagem-do-personagem.

É uma história divertida, bem humorada, mas que revela a seriedade da passagem da infância para a adolescência, período no qual, por meio de decepções, terminamos por nos encontrar, como Geraldo, ainda que inesperadamente: "– Maria da Graça [...] você sabe que eu estou apaixonado por você?" (RIBEIRO, 1993, p. 83).

Se Geraldo estava realmente apaixonado ou não, se ele namorou Maria da Graça, se ela correspondeu à sua súbita paixão, cabe a nós, leitores, decidirmos. Da mesma forma que imaginamos o *antes* da história, devemos imaginar o final. Ou os depois...

Referências bibliográficas

CORTEZ, Célia. O que ler dos 2 aos 18 anos? Aos 3 anos. In: INDA, Tatiana Jimenez. **Leitora Viciada**. Blog. Rio de Janeiro, 26 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.leitoraviciada.com/2011/07/o-que-ler-dos-2-aos-18-anos-aos-3-anos.html>>. Acesso em: 3 ago.2011.

NOGUEIRA JR. Arnaldo. João Ubaldo Ribeiro. In: **PROJETO RELEITURAS**. Disponível em: <http://www.releituras.com/joaoubaldo_bio.asp>. Acesso em: 17 jun. 2009. Não paginado.

OBJETIVA. Livros: Vida e paixão de Pandonar, o cruel. Disponível em: <http://www.objetiva.com.br/livro_ficha.php?id=768>. Acesso em: 22 out. 2010. Não paginado

OLINTO, Antonio. João Ubaldo Ribeiro, o inventor de palavras e sons. **Folha online** – Biblioteca Folha. 12/04/1999. Disponível em: <<http://biblioteca.folha.com.br/1/29/1999041201.html>>. Acesso em: 19 jan. 2011. Não paginado.



RIBEIRO, João Ubaldo. **Vida e paixão de Pandonar, o cruel**. 8. ed. Ilustrações de Marcelo Barreto de Araújo e Ivan Baptista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

